



Ribeirinhos do Zé Açú (Bom Socorro, Paraíso, Nazaré e Boa Esperança), Zé Miri, Arauá-Santo Antônio que participaram da Oficina de Mapas nos dias 28 e 29 abril 2007 no Lago do Zé Açú

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 16 – Ribeirinhos da região do Zé Açú em defesa
de sua história e da natureza

Manaus, junho 2007
ISBN: 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM-CNPQ-FAPEAM)

Equipe de Pesquisa

Ana Paulina Aguiar Soares (ENS-UEA)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGSCA-UFAM)
Gláucia Maria Quintino Baraúna (PPGS-UFAM)
Luciane Silva da Costa (UFAM)

Cartografia e elaboração da base

Luis Augusto Pereira Lima

Edição

Ana Paulina Aguiar Soares
Luciane Silva da Costa

Participantes da Oficina de Mapas realizada nos dias 28 e 29 de abril na comunidade do Bom Socorro – Lago do Zé Açú

Bom Socorro

Ocivaldo Simas da Silva, Erivaldo Miranda da Silva, Jasson Rodrigues Jacaúna, José Aires de Oliveira, Luís Jorge da Silva, Naziano da Silva Muniz, Raimundo, Gerson Simas de Matos, Sueli Aparecida da Silva Cunha, Raimundo de Souza Simas, Sérgio da Silva Muniz*, Maria da Conceição da Costa Moutinho, José Clemente de Souza Nunes*

Nazaré

Jair da Silva Muniz, Arthur José Ferreira Coelho, Maria Francisca da Silva Barbosa, Onezinho Ramos Muniz, Samuel dos Santos Santos

Zé Miri

Ivan Castro dos Santos, Izana Tavares dos Santos, João de Souza Prata

Arauá-Santo Antônio

Ênio Rolim Monteiro, Marcelo Pereira Monteiro, Maria Terezinha Monteiro*

Vista Alegre Toledo Piza

Geraldo Martins Ribeiro, Manuel Almeida da Costa, Sebastião Batista Santarém

Paraíso

Admilson Nunes da Silva, Albertino Nunes dos Santos

Boa Esperança

Antônio Jorge Sousa de Melo, José Raimundo Costa dos Santos

Comissão Pastoral da Terra – Regional Amazonas
Auriédia Marques e Costa

** Participantes das tomadas de pontos com GPS*

Fotografia

Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Gláucia Maria Quintino Baraúna
Luciane Silva da Costa
Roberto Filizola

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8
www.designcasa8.com.br

Quem são os Ribeirinhos da região do Zé Açú

“Ribeirinho aqui na nossa área do Baixo Amazonas. Quer dizer que nós somos aqui numa área que chamam ribeirinhos pra nós, porque nós mora na margem do rio. E dizem que nós semos as classes mais baixas, nós não temos valor. Eu moro aqui há 39 anos no Lago Zé Açú nas margens da comunidade Nossa Senhora de Nazaré. Sou secretário da ASPROZARE. E todo tempo eu vivo aqui e vejo que nada eles constroem por causa que chamam e põe esse nome de ribeirinho. Ah! Esses caras são ribeirinhos agente dá uma ajuda. Vivem enganando ele. Vêm o político engana. Vem a constituição. Vem o governo. Chega, traz qualquer coisa engana. E vai passando. O ribeirinho não tem direito a ter voz e vez. Fica todo tempo calado faz de conta que tudo está bem.”

Jair da Silva Muniz, Nazaré, 29 abril 2007

“O nosso dever como ribeirinho, é defender aquilo que existe ainda, falando em termo da natureza. Conservar ou preservar aquilo que ainda existe nas margens dos rios, nas margens das estradas, nas matas como toda a fauna e a flora, é como é o nosso dever cuidar de tudo isso. Depois desse trabalho, desse dever cumprido, nós temos o direito no peixe dos rios, na água potável dos rios, das fontes dessas aqui que são tiradas da estrada. Então ele tem o direito, o ribeirinho de usufruir dessas coisas que a natureza oferece dos recursos naturais, nós temos o direito de zelar por esses recursos que a natureza nos oferece. Como ribeirinho e como comunitário nós temos o dever de zelar pelo nosso habitar. O habitar natural, nessa comunidade temos que zelar. Na verdade todos os comunitários têm que zelar pelo seu patrimônio. Esse é o nosso dever.” **Samuel dos Santos Santos**, Nazaré, 29 abril 2007

“(…) Somos descendentes de um povo. Eles contaram a história deles, hoje nós vamos contar a nossa que é tão bonita para nós é importante conhecer a nossa história. É a nossa história tem vários problemas, mas ainda é tempo de socorrer. Eu vejo que mesmo nós, que somos descendentes de índios também, temos que assumir nossa identidade. Temos que conhecer a fundo que foram nossos primeiros parentes. Nós temos que assumir nossa identidade, mesmo como ribeirinhos. O que torna vida se torna vida como um todo, é água, terra, floresta, rio, lagos. E também cultivar nossas tradições nossa região que também faz parte da nossa vida. Assumir nossa identidade com maior orgulho. Me chama atenção é que a identidade do dia a dia de nossa vida é preservar o meio ambiente. Em primeiro lugar o homem como já falei. Porque é aqui que começa a nossa história. Olham para tanta coisa ao nosso redor e esquecem o homem como principal. Vamos preservar o meio ambiente, as aves, os animais. E o homem onde fica? O que nós temos fazendo aqui é muito bonito para nossa história contar. Isso é um processo. Dizer a nossa vida no Amazonas. Ser amazonense é um privilégio de Deus porque tanta coisa acontecendo aí fora, guerras e mais guerras. Mais tarde ninguém sabe a nossa situação. Muitos falam da Amazônia Verde. Agora é a Amazônia Azul.” **Arthur José Coelho**, Nazaré, 28 abril 2007

“Na cultura, na questão do nome ribeirinho ele foi muito dado na época da juta, na época que se plantava juta, que se plantava o cacau, e esse nome ribeirinho era mais dado pro homem que vivia na beira do rio (...). Por que ribeirinho? Era quando chegava assim certa época, depois que terminava a juta, é que os rios, as várzeas se alagavam eles se passavam para terra firme, quando as águas baixavam, eles voltavam da mesma forma... um tempo



Da direita para esquerda: Sr. João, Sr. Arthur, Sr. Onezinho, Sr. Jair e Sr. Marcelo delimitando as dimensões do mapa do Zé Açú, Zé Miri, Araúá-Santo Antônio e Vista Alegre 28 abril 2007

na várzea, um tempo na terra firme. Agora, a cultura que eles tinham, de que eles viviam... não precisava vender o peixe, ele pegava o peixe totalmente pra se alimentar, todas as coisas mais era pra alimentar. Chegava no homem ribeirinho e lá tava um monte de cacau, ele fazia o vinho do cacau para ele tomar, que hoje se chama tudo é suco, mas antes era vinho.

Só que o maior inimigo, quando se fala do inimigo, começou a aparecer já existia alguma coisa só que era em pequenas escalas, quem tinha um ou duas reis era o ribeirinho, o pouquinho que tinha o ribeirinho. Depois começou a aparecer o capital aquele que tinha mais dinheiro, que foi começando comprar algumas vacas, quando ele não comprava, ele botava o gado dele aqui e não fazia cerca, quando é amanhã o gado estava na plantação do ribeirinho, e ai o que acontece, ia invadir a plantação dele e ai ele sem informação nenhuma ele não conseguia mais plantar. Inimigo, a criação de gado que alguém comprou terreno do ribeirinho. E outra por não conhecimento dele, sabemos que a justiça é burocrática e demorada é longa, ela não toma uma providencia logo, chega com a denúncia vai com advogado. Ai pra você dar entrada tem que pagar tanto, tanto, tanto. Ele já não tinha produção pra ele, já não tinha dinheiro pra outra coisa, como que pra advogado ele ia ter? Ai o próprio pecuarista, criador, o fazendeiro dizia me vende teu terreno. Ai já vendia por besteira era obrigado a vender pra aquele um. Ai foi tornando isso aí o maior inimigo das várzeas, do ribeirinho.

Nesse momento todinho foi criando as comunidades, que na época não era comunidade. Aqui não era assentamento ainda não, aqui não existia assentamento ainda não. Aqui era... foi criando as comunidades, porque aqui aonde estamos foi de 88 pra cá, em 60, 70 até 88 ninguém sabia o que era assentamento, nem INCRA. O Ribeirinho fazia um trabalho na terra firme só que quando ele deixa, ele voltava pra várzea, quando ele fazia alguma coisa na terra firme, quando ele voltava no outro ano pra terra firme chegava lá já tinha outra pessoa no lugar ai vai expulsando, depois dele não ter saída nem na várzea nem na terra firme, ai ele disse vou é pra cidade." Sérgio da Silva Muniz, Bom Socorro, 29 abril 2007

"Nós, já vimos que ser ribeirinho, essa palavra, ribeirinho, ela já vem de muito tempo, aí muitas vez eu vejo assim que ela num é esclarecida. Muitas vezes nós mesmos como ribeirinho não sabemos o que é um ribeirinho. Pra mim hoje eu nem sei, é um paradigma, então esse paradigma pra mim tá em torno de que, do meu relacionamento, da minha cultura, do dia-dia, da minha bandeira de luta, assim, por exemplo, a questão da minha vivência na minha comunidade ou no cotidiano. Então eu vejo que, questão cultural, então eu tenho que mostrar aquilo que eu tenho mesmo, por exemplo, na nossa comunidade, não adianta querer copiar da cidade,

nós temos o boi, temo o bozinho, temo a pastorinha, temo quadrilha, isso é importante pra nós, a nossa identidade como ribeirinho. A questão do relacionamento, a gente vê que o relacionamento com os nossos ribeirinhos, os nossos companheiros, pode falar, ela é importante esse relacionamento, como a gente vê nessa oficina que houve. Ela foi muito boa (...) Como eu tava falando, caiu a ficha, como caiu a ficha os nossos companheiros começaram a se despertar. Quer dizer, ele mesmo falando com ele mesmo, então nós temos que se conhecer nós mesmos, então nós como ribeirinhos não tínhamos esse contato de conhecimento. Então, hoje pra nós eu já tenho uma noção de que ser ribeirinho é ser um homem, ter identidade própria de ribeirinho, que mora na área rural, que trabalha na área rural, tem sua identidade como homem trabalhador rural, pra mim é tudo isso ser ribeirinho (...) Mas têm muitos companheiros que ainda não sabe o que é ser um ribeirinho. Só pensa que é o ho-



Ribeirinhos do Zé Açú, Zé Miri e Vista Alegre reunidos com laudos periciais sobre os prejuízos que os animais bovinos e bubalinos dão as suas plantações 27 junho 2007

mem que tá na beira do rio, dentro da várzea, se fala em ribeirinho, é aquele que tá lá na beira do rio, mas não, todo o trabalhador que tá nas colônias, nas comunidades centrais, todos esses são ribeirinhos. Eles trabalham pra se manter, então, eu vejo assim que a importância da cartografia pra mim.” **Arthur José Coelho**, Nazaré

Como vivem os Ribeirinhos da região do Zé Açú

“Aqui na área do Zé Açú a vida do ribeirinho é muito difícil. De primeiro era uma área boa. Num ganhava muito dinheiro, mas tinha a sobrevivência melhor. A alimentação, os peixes era mais fácil. Farinha era mais barato a gente podia chegar no vizinho que trocava por alguma coisa se vivia melhor. Agora nós não temos mais peixe, não temos caça, mata não tem pra trabalhar pra plantar uma boa roça. Aqui no nosso linguajar nós tem capoeira, mas capoeira não são boa de plantar. As arvores vão se acabando rápido não conseguem passar dois três anos. A terra é fraca. Se planta mandioca não consegue passar um ano dois anos, não dá uma mandioca que preste. Outra coisa, as caças sumiram, vão mais pro mato. Nós não temos o apoio do IBAMA, do INCRA. Vem aqui tá cheio de balsa cheia de areia, levam madeira, levam tudo daqui da nossa área. Nós fica olhando. Não tem o IBAMA, o INCRA pra nos apoiar pra fazer reunião com nós e debater com algo que nós pode procurar as leis.

Dentro da nossa comunidade muitas famílias sofrem por causa de falta de higiene, assistência social, assistência hospitalar que nós não temos. Se morrer por acaso aqui, acontecer um acidente com cobra, com baque, vai morrer por aqui mesmo porque nós não temos recursos. Corre pra cá corre pra li, nós não temos posto, não temos transporte. Se tivesse um transporte pra ir pra cidade rápido. Uma lanchazinha levava o doente. Isso é uma prioridade aqui pra nós do Baixo Amazonas.” **Jair da Silva Muniz**, Nazaré

Objetivo do Laudo Pericial: É avaliar os prejuízos causados pela invasão de animais (Bovinos) que ocorreu em Maio e junho de 2003.

Conclusão: Em ocasião da visita ao lote da Srª. Nereiza Dias Muniz. Constatamos que foi implantada 1 (um) há de Mandioca com idade media de 8 meses , cultivada com seus recursos próprios , que não houve produção por decorrência da entrada de animais, que ocasionaram quebras das hertes e o apodrecimentos das raízes provocadas pelo o pisoteamento dos animais.

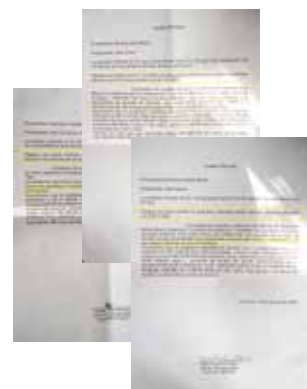
Objetivo do Laudo Pericial: Avaliar os prejuízos , causados pelo os animais bovinos. Ocorrido desde do ano de 1996 a 2003.

Conclusão: Em ocasião da visita ao lote 288 do Srº Francisco Tavares da Silva. Implantou 3 hectárea de mandioca, financiada pelo BANCO DO BASA em 1996.

Constatamos que houve uma perda total da cultura. Por ocasião das quebras das hertes da mandioca e opodrecimento das raízes ocasionadas pelo pisoteamento dos animais.

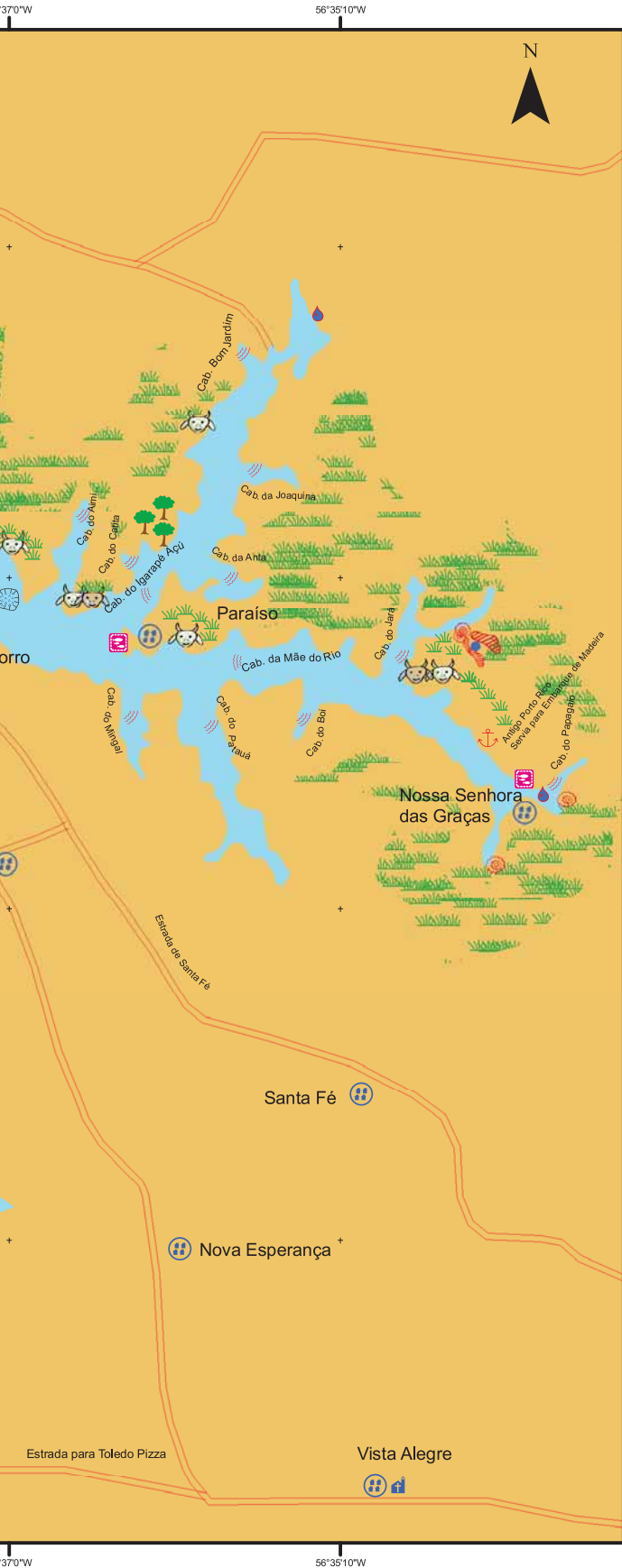
Objetivo do laudo avaliar os prejuízos, causados pelos animais bovinos. Ocorrido em 2002 E 2003

Conclusão em ocasião a visita ao lote 290 do Srº Brazelino Batista Muniz implantou 1 hectárea de banana e ½ hectárea de mandioca com seus recursos próprios. Pelo qual houve uma perda total por ocasião da invasão de animais na sua propriedade que ocasionarão quebras das hertes e apodrecimentos das raízes e quebras dos pés de banana.



Laudos periciais dos Ribeirinhos do Zé Açú 27 junho 2007

mazonas



Formas Organizativas

- Sede das Comunidades
- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Escola

Práticas Tradicionais de Uso dos Recursos

- Casa de Farinha
- Roças
- Castanhal
- Panelão Natural
- Área de Pesca

Conflitos Sócio-Ambientais

- Área Desmatada
- Nascente Morrendo
- Nascente Morta
- Retirada de areia ilegal
- Vossoroca com assoreamento
- Assoreamento
- Área com +/- 50m das vossorocas que caindo irá impedir a passagem para a Comunidade São Sebastião
- Faz. de bubalinos
- Faz. de bovinos
- Faz. de Bubalinos e Bovinos
- Pasto

Espaços Sociais

- Campo de Futebol
- Cemitério

Sítios Antigos

- Habitado por Tupinambás
- Antigo Porto
- Antigas Usinas

Área de Preservação Comunitária

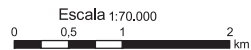
- Área de Mata
- Nascente Viva
- Cabeceira
- Igapó
- Presença de Quelônios
- Tartaruga

Convenções

- Hidrografia
- Estradas
- Área de Várzea

Acordos

- Acordos de Pesca



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Fonte: Croquis das Com. da Região do Zé Açú: Bom Socorro, Zé Miri, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora das Graças, Vista Alegre, Paraíso, Boa Esperança. Imagem da Carta SA-21-Z-A1 MI-524 Res.espacial 90m adquirida no site relevo.br.cnpq.embrapa.br
 Base digital: IBGE

Cartografia e elaboração da base: Luís Augusto Pereira Lima Junho/2007

Sistema de Coordenadas Geográficas Datum Geodésico Horizontal - SAD69
 Equipe de elaboração:
 Ana Paulina Aguiar Soares
 Emmanuel de Almeida Faria Júnior
 Luciane Silva da Costa
 Gláucia Maria Quintino Baraúna
 Abreviaturas:
 Faz = Fazenda
 Cab = Cabeceira

Qual a importância da Cartografia Social

“A cartografia, ela com certeza vai engrandecer o conhecimento do estudo da nossa região. Isso nós estamos precisando muito fazer. Eu acredito que esse já foi o primeiro passo do trabalho e com certeza daqui pra frente às coisas vai se modificar cada vez mais e acredito que vai contribuir muito com a formação da nossa região das nossas comunidades.

E a cartografia ela ficou assim marcada na história do Zé Açú, que a gente viu foi primeira vez que foi feito um estudo dessa forma voltado pra nossa região e isso é histórico na região do Zé Açú. Também outra questão foi esse apoio tão importante que o CPT trouxe também é pra gente aqui do Baixo Amazonas, que no meu conhecimento nunca tinha visto assim nessa região um estudo levantado pra esse lado de estudo da região. Bom é isso que eu queria falar a gente agradece a todos.”
Oivaldo Miranda, Bom Socorro

“(…) O que eu pensei, o que a gente pensou quando a gente participou daquele seminário ali em Manaus, que a gente tava junto do pessoal, ano passado, a gente viu como a cartografia era muito importante, porque é um relato verdadeiro, um relato assim, tirando a nossa foto, a nossa foto na nossa realidade para o mundo, para as pessoas, para as autoridades saberem, foi por este motivo que eu fiquei muito feliz quando a cartografia teve aqui. E outra, porque eu senti que há uma necessidade muito urgente aqui, por eles comentam, vem muita gente aqui, mas leva os dados verdadeiros pra mostrar no mapa, pra dizer a realidade, não dizem lá onde é que ele tá, e não vão dizer não, eu já vi que eles só dizem Zé Açú, mapa de Parintins e acabou-se, mas não querem saber quem é Zé Açú, quem é as pessoas que tão aqui, de que elas vivem, de que elas não vivem, se tem problemas, se há tanta dificuldade, ou se tá subterrando o Zé Açú, ou se as estradas estão se acabando, ou se precisa aplicar mais escolas, eles não vêem essa realidade, eles só vêem falar na época das eleições, na época que quer o voto. Aí fala de muita coisa, mas terminou, acabou-se, não tem nem documento, não tem nada

*Croquis
construídos
pelos ribeirinhos
durante a
Oficina de
Mapas*



Sr. Samuel a frente e Sr. Onezinho do lado de Ana Paulina tomando pontos de GPS durante a Oficina de Mapas 29 abril 2007



é só conversa. Então por isso eu vejo que uma cartografia é um relato firmado pra dizer o que nós, ai já vai na frente. E eu agradeço, porque eu batendo “GPS” eu sei de repente eu já comecei a amarrar alguma coisa, ai eu já me senti ansioso, pó preciso ter um “GPS” pra mim marcar algumas coisas e depois dá uma olhada e dizer: tá aqui ó o que tá acontecendo. É mais um parceiro que a gente consegue pra comunidade.

Pro assentamento eu vejo que é um passo mais adiante. Na história da Gleba Vila Amazônia, nunca houve uma cartografia, houve apenas um mapa e uma demarcação que é a topografia, e ainda até fazendo coisas erradas porque não tava ouvindo aqui. Vai chegar um ponto que o pessoal vai dizer: o Zé Açú tá privilegiado. E outra porque nós decidimos uma área só, não foi todo o assentamento, então eu penso que terá outras cartografias. E outra só de vocês estarem ouvindo nós, ouvindo nosso linguajar, gravando todo tempo do curso, sendo gravado, sendo filmado, então eu vejo que isso aqui é muito importante pra nós, porque não é só o Sérgio falando, mas falou o Francisco, falou o Clemente, falou todo mundo, do jeito que a pessoa fala, sem impor, eu gostei um pouco mais dessa cartografia aqui, porque vocês deixaram o povo dizer o que quer, isso é muito difícil acontecer. Quando vem alguns órgãos do governo aqui, eles falam, falam, mas não querem ouvir a gente, ai fica difícil a gente dizer o que a gente quer, ai nessa cartografia não a gente dissemos tudo o que queremos, tudo o que desejamos, eu acho que da pra nós dizer que a gente se sente feliz. E, eu peço que vocês voltem sempre aqui, eu sei que vão mandar a documentação pra gente verificar se ta correto pra gente fazer o livro pequeno.”

Sérgio da Silva Muniz, Bom Socorro

Problemas e conflitos

“(…) Com a questão do bovino entrando, os patrões, os pecuaristas, mandavam derrubar os seringal dele, o cacau dele e derrubar tudo isso ai, e que isso era o fruto de alimentação do pessoal e também era a casa dos peixes, que quando o rio crescia. A seringa dá um alimento para o tambaqui, e nessa história onde tinha as capoeiras, o marajá, o catauari, essas coisas todinhas, o que aconteceu, foram terminando esse tipo de alimento da várzea, e terminando o alimento das várzeas. Qual é a tendência? Não tem mais nada para alimentar o peixe, aí o peixe começa a diminuir, quando ele não encontra o que se alimentar ele sai ele vai embora onde ele possa encontrar abrigo e alimentação (...).

Quando o búfalo chegou na região do Baixo Amazonas numa base de 1992, 93 e 94. Não existia búfalo nessa região não, ai ele começou a entrar aqui no Baixo Amazonas, ai foi embora né? E hoje tem quase pra todo lado, nessa região não tinha búfalo não só gado branco. Ele é um dos maiores inimigos, por exemplo, a gente vê uma curucaná grande hoje, onde tinha umas casas de peixe hoje se acabou, o que foi que causou, não foi o homem não, porque o homem toca fogo, mas o homem não ia queimar uma coisa que tá em cima da água, que tá lá naquela cabeceira, onde tá tudo encharcado de água, aquilo não pega fogo não. Só que o búfalo vai e destrói tudo lá, destrói tudo e acaba a casa do tracajá, acaba o tambaqui, o pirarucu e tudo, aí não tem mais nada, porque o tambaqui também se alimenta da aninga, da fruta da aningueira.



Pasto e Búfalos na região do Zé Açú

“(…) Ninguém mais quer dizer da onde é – eu sou lá do Zé Açú – não, não querem mais ser do Zé Açú, não! Se eu tô assim no meio de uma classe mais avançada, eu quero dizer que eu sou é alguém importante. Eu vejo que também esse é um dos grandes inimigos perdendo sua cultura dentro de uma modernização que obriga ele a fazer, pois se ele é aquilo ele se torna criticado.

Na região do Paraíso, entre Nossa Senhora das Graças e Paraíso, tem uma área de Dono o fazendeiro, mas não é não, é da União é do INCRA né? É da União, tem os parceleiros que têm mais de 30 anos que eles passam, bem próximo, lá onde tem umas crateras grandes né? Ele colocou uma cerca elétrica e impediu dos parceleiros passarem pro seus lotes pra buscar sua produção. E de repente, há poucos dias aconteceu que uma criança veio ligeiro, uma de 7 anos e chegou lá. Ela não sabia se a cerca era elétrica, ela foi direto, agarrou ficou gritando com o choque (…).”

Sérgio da Silva Muniz, Bom Socorro

“Há vinte anos atrás não existia devastação de matas ciliares na beira do rio do Lago, Hoje já não se encontram mais porque o ribeirão vendia os seus lotes para os fazendeiros. E eles derrubavam os Igapós, prejudicando as nascentes e as frutas que serviam de alimentos para os peixes.

Hoje existe conflito, entre fazendeiros e a comunidade. Existe curral de búfalo dentro do quadro da comunidade, esse é um problema sério e crítico.” **Ivan Castro dos Santos**, Zé Miri. 16 julho 2007

“O lago praticamente tá morto, as fontes não têm mais força.” **Onezinho Ramos Muniz**, Nazaré

Síntese dos problemas relatados pelos participantes da Oficina de Mapas

- Atuação agressiva de madeireiros na região, principalmente na fronteira dos Estados do Amazonas e do Pará;
- As pessoas estão abandonado a agricultura para se dedicar à pesca;
- Atuação agressiva de fazendeiros com pastos de até 6 mil hectares;
- Famílias têm abandonado a terra, vendendo-a por pressão dos fazendeiros;
- Pessoas que não moram no projeto de assentamento possuem terra, enquanto tem pessoas que moram no próprio assentamento não têm terra ficando limitados à casa;
- Imposição de determinadas culturas (plantios), e conseqüentemente endividamento dos “assentados”;
- Erosão devido à derrubada das matas ciliares pelos fazendeiros para fazer pasto para rebanho, tanto bovino, quanto bubalino;
- Morte das nascentes devido às erosões que causam o assoreamento das cabeceiras, a morte do rio e dos peixes, fazendo com que os ribeirinhos saiam de sua terra;
- Falta de técnicos que auxiliem na agricultura. A técnica repassada não é a adequada para a



região;

- Falta de agentes de saúde;
- Falta de meios de transporte fluvial e de comunicação;
- Dificuldade de se conseguir água potável para beber.

Pauta de Reivindicações

- Presença do INCRA e da Polícia Federal para retirar do Projeto de Assentamento os fazendeiros e funcionários públicos que detêm ilegalmente lotes no assentamento;
- Redemarcação da Área do Assentamento;
- Permanência do IBAMA na região para a fiscalização das madeireiras, pescadores profissionais e invasores que retiram areia;
- Cobrar do INCRA o desenvolvimento do Programa de Recuperação do Assentamento (PRA)
- Investimento das multas aplicadas pelo IBAMA (às madeireiras e fazendeiros) dentro do assentamento, no reflorestamento, na infra-estrutura e na recuperação das áreas danificadas;
- Participação dos assentados desde a elaboração até a execução dos projetos de crédito;
- Anistia da dívida de projetos mal sucedidos devido à imposição de projetos de crédito;
- Cursos de formação (técnico agrícola, zootecnia e plantas medicinais);
- Recuperação e abertura de estradas e aquisição de caminhões/barcos para o escoamento da produção;
- Elaboração do Acordo de Pesca;
- Perfuração de poços artesianos e a implantação de sistemas alternativos para a geração de água potável;
- Melhoria no transporte escolar e regionalização da merenda escolar;
- Implantação da Escola Familiar Rural;
- “Ambulança”, primeiros socorros nas próprias comunidades, postos de saúde equipados dentro do próprio assentamento;
- Agente de saúde na comunidade de Vista Alegre;
- Implantação de sistemas eficientes de comunicação como rádio amador e telefones.

CONTATOS

Zé Açú – Bom Socorro
telefone público 92. 3538-1138
92. 3538-1139
Ocivaldo 92. 9609-6314
Sérgio 92. 9162-5521



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford/ PPGSCA/ UFAM)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itaocázinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará

REALIZAÇÃO

Comissão Pastoral da Terra – Região do Zé Açú

APOIO

PPGSCA-UFAM

PPGDA-UEA

ENS-UEA

Comissão dos Assentados da Gleba Vila Amazônia

Comissão Pastoral da Terra-Regional Amazonas

